

## **O Brasil e os Estudos sobre a Deficiência: Agora no Mapa. Notas sobre o Primeiro Simpósio Internacional de Estudos sobre a Deficiência em São Paulo.**

### **Introdução**

O convite realizado a cada um de nós foi uma agradável surpresa. Ele chegou por correio eletrônico e descrevia um evento vindouro, a ser realizado em São Paulo, Brasil, em Junho de 2013. O título da conferência era “Conflitos, Direitos e Diversidade: I Simpósio Internacional de Estudos sobre a Deficiência”, traduzido como *First International Symposium on Disability Studies: Conflicts, Rights, and Diversity* (<http://diversitas.fflch.usp.br/sied>). Esse foi o primeiro simpósio de estudos sobre a deficiência realizado pelo Governo de São Paulo, e liderado pela Dra. Linamara Rizzo Battistella, Secretária de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência. A conferência buscou reunir acadêmicos, ativistas e estudantes e engajá-los em um quadro interdisciplinar de estudos sobre a deficiência, com a intenção inicial de torná-lo um evento anual.

O convite para participarmos e apresentarmos palestras nos intrigou. Nós representaríamos a comunidade internacional que se dedica aos estudos sobre a deficiência, teríamos uma oportunidade de compartilhar nosso trabalho com um público diferente e potencialmente maior, e teríamos a oportunidade de aprender com os brasileiros que se dedicam a áreas de interesse comum. De diversas maneiras, a conferência era de “alto nível”, deliberadamente destacando os estudos sobre a deficiência como uma forma de repensar as políticas e práticas atuais. Ao mesmo tempo, como a conferência foi realizada pelo Governo, nos interessava saber como o Brasil estava levando em consideração a utilidade dos estudos sobre a deficiência ao moldar as instituições que servem, representam e defendem os cidadãos com deficiência.

Assim, após longos voos originados em diversas regiões dos Estados Unidos e do Reino Unido, chegamos a São Paulo logo antes do início da conferência em 19 de Junho de 2013. A cidade em si é a mais populosa do Hemisfério Sul, com aproximadamente 20 milhões de habitantes e possui o tipo de energia que só se encontra em grandes metrópoles. Assim que chegamos ao nosso hotel, o aparelho de TV atrás da recepção mostrava pessoas protestando em todo o país – em Brasília, Rio de Janeiro, Recife, Fortaleza e outros locais – sobre a alta de impostos, serviços públicos inadequados, e as prioridades distorcidas dos políticos que desejam preparar o país para a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016. De muitas maneiras, esse pano de fundo trouxe a vibração de uma democracia operante, e esteve presente ao longo de toda a conferência – incluindo enormes protestos que se avizinhavam do hotel, do centro de conferências e do aeroporto.

O evento em si nos lembrou das conferências anuais realizadas pela Sociedade de Estudos sobre a Deficiência (SDS, na sigla em inglês) nos Estados Unidos. Havia entre 300 e 350 pessoas participando, sendo que circulavam relatos de que os organizadores precisaram recusar inscrições devido a um nível inesperadamente alto de interesse no evento. O evento estava lotado e vibrando de excitação! Havia acessibilidade para todos os participantes, incluindo legendas em tempo real, intérpretes de língua de sinais, programas em Braille, instalações acessíveis, tradutores e assim por diante, reunindo os mesmo tipos de requisitos de acessibilidade (às vezes conflitantes) que vimos ao longo dos anos na SDS. Além disso, havia tradução simultânea entre Português e Inglês. Houve cinco sessões plenárias, nas quais cada um de nós foi alocado em um painel. Ademais, havia cerca de cem trabalhos acadêmicos reunidos em grupos temáticos e sendo apresentados em sessões paralelas. Em geral, as apresentações refletiam uma incrível gama de temas e reuniam pesquisas que respondiam às seguintes questões originalmente apresentadas na chamada por trabalhos e também publicadas no programa:

- Pensamos a pessoa com deficiência apenas como a única protagonista de sua história, ou consideramos o fato de que ela, como todos os outros, está exposta a pressões sociais, políticas, culturais e econômicas? Na atual conjuntura das sociedades em rede, onde a pessoa com deficiência se situa no cruzamento de seu contexto local e a realidade global? Como lida com os sistemas e as estruturas? Como ela molda e é moldada pelo seu entorno? Qual é o peso dos movimentos sociais, das políticas de identidade e memória e das instituições nesse processo? Quais outros fatores podem ser avaliados nessa complexa interface?
- Questões como a pobreza, o racismo, o sexismo, a homofobia, a xenofobia, a persistência da visão medicalizante e caritativa do universo da deficiência constroem a realidade que se coloca para a pessoa com deficiência? Esses fatores poderiam, também, abrir possibilidades no tocante à luta pelos direitos?
- Como as diversas áreas do conhecimento têm se relacionado com a problemática da deficiência? Quais são os pontos fracos e fortes dessa interação? Ela tem ocorrido de fato no Brasil?
- Como têm evoluído as políticas públicas sobre a deficiência? Qual o papel dessas ações numa perspectiva diacrônica?
- Corpo e deficiência;
- Deficiência, cidadania e direitos em um mundo em transformação;
- A Convenção sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência em perspectiva;
- Mulher, feminismo e deficiência;
- O papel das tecnologias assistivas. Quais as possibilidades e limites?

- Reabilitação e comunidade;
- Práticas inovadoras e experiências recentes no trato da questão da deficiência: trabalho, educação, cultura, habitação, transporte e etc.;
- Comunicação e linguagem;
- Cultura e representações da deficiência;
- *Disability Studies* no Brasil;
- Os modelos individual/médico, social e biopsicosocial: abordagens ainda válidas ou superadas?
- Educação e deficiência;
- Deficiência e direito à vida;
- O Movimento pelos direitos no Brasil: passado, presente e futuro do ativismo; e,
- Sexualidade e deficiência.

A lista proporciona uma imagem inspiradora sobre os atuais temas de interesse da comunidade de estudos sobre a deficiência no Brasil.

### **Nossas contribuições**

Sem saber muito o que esperar, como palestrantes convidados, David e Gideon escolheram áreas que acreditamos que seriam capazes de proporcionar aos nossos recém-descobertos colegas brasileiros novas ideias, ferramentas, exemplos e pensamentos sobre como *usar* os estudos sobre a deficiência. Pam e Mike receberam temas específicos e foram convidados a palestrar sobre assuntos previamente determinados. Finalmente, o papel do Nick era sintetizar toda a conferência e capturar a essência dos debates. Nessa seção nós compartilhamos um breve panorama de nossas apresentações e rapidamente explicamos nosso raciocínio.

### **David J. Connor: Uma Breve História dos Estudos sobre a Deficiência na Educação: Quais conflitos? Os direitos de quem? Por que diversidade?**

Nessa apresentação eu expliquei o crescimento recente dos Estudos sobre a Deficiência na Educação (DSE, na sigla em inglês) tanto nos Estados Unidos quanto ao redor do mundo, usando três lentes para o passado, o presente e o futuro. Assim, abordei os principais temas da conferência – conflitos, direitos e diversidade: Quais são os principais conflitos entre o campo tradicional da educação especial e o DSE? Os direitos de quem são defendidos e os direitos de quem são desafiados pelo DSE? Por que o DSE declara que a deficiência é uma parte integrante do entendimento da diversidade nas escolas e na

sociedade? Ao considerar essas questões, vemos como o DSE contribui para a teoria, a pesquisa, a prática e a política atualmente – e o potencial que possui para desconstruir crenças e práticas opressivas por meio da criação de uma compreensão mais abrangente da diversidade humana.

Escolhi esse assunto pois não estava certo se havia uma rede de pesquisadores trabalhando em Estudos sobre a Deficiência na Educação no Brasil. Não queria assumir nada como garantido. Por outro lado, estava ansioso para compartilhar algumas das conquistas realizadas até aquele momento por aqueles que trabalham nessa área, incluindo como conceber estratégias para maximizar a circulação de ideias, estabelecer alianças com outras disciplinas e subdisciplinas, e como relacionar questões da deficiência a questões mais abrangente sobre justiça social. Pesquisadores ao redor do mundo que trabalham no âmbito do DSE continuamente referem-se a si mesmos como educadores especiais críticos, pois sua escolha profissional original foi trabalhar com crianças, jovens e adultos identificados como pessoas com deficiência. Como uma rede, nos reunimos desde 2001 em uma conferência anual para compartilhar ideias, apresentar pesquisas (muitas vezes ainda em progresso), e criar estratégias sobre como abordar os educadores sobre o conceito da deficiência sem recorrer ao paradigma governante da educação especial fundado sobre uma pseudociência, medicina e psicologia que posicionam os indivíduos com deficiência como portadores de um déficit (para mais informações sobre a história das conferências sobre DSE, veja Connor, ainda indisponível). Espero sinceramente que os acadêmicos brasileiros da área do DSE se reúnam com seus colegas internacionais em nossa próxima conferência anual, tentativamente programada para Melbourne, Austrália, em Junho de 2014 (<http://www.vu.edu.au/news-events/news/disability-studies-in-education-conference-2014>).

### **Gideon Calder: Representando a Deficiência**

Minha contribuição focalizou as políticas da deficiência como um movimento social e, em particular, as questões sobre como a deficiência, e as pessoas com deficiência, são representadas. Essas questões são essenciais dentro do Movimento pelos Direitos das Pessoas com Deficiência. Pois um movimento como esse precisa representar como a deficiência é, e as necessidades e objetivos das pessoas com deficiência, da maneira mais inclusiva possível. Mas as questões em si podem ser difíceis de responder. O estabelecimento de uma categoria de “pessoas com deficiência” torna mais fácil identificar necessidades e objetivos compartilhados e coerentes dentre a grande diversidade de pessoas que ali estão inclusas? Em que medida os objetivos desse Movimento se sobrepõe a outros movimentos sociais?

Minha apresentação explorou essas questões no contexto de debates recentes mais abrangentes sobre a política de reconhecimento e a busca pelo que

Nancy Fraser chama de “paridade participativa” de grupos e indivíduos marginalizados. Isso me parece uma linha de raciocínio particularmente proveitosa, uma vez que as ideias de Fraser atravessam questões epistemológicas (as “pessoas com deficiência” são realmente um grupo? Há interesses compartilhados capazes de definir a “deficiência”?) e políticas (como a voz das pessoas com deficiência pode ser melhor articulada, e ouvida? Como as questões relacionadas à deficiência se relacionam com outras fontes de desvantagens?) Atingir a “paridade participativa” envolve superar arranjos sociais os quais impedem que os indivíduos “participem em igualdade de condições com outros da vida social”. Isso me parece um componente essencial dos objetivos do Movimento pelos Direitos em prática, no Brasil e em qualquer outro lugar (veja Calder, 2011). Mesmo assim, o objetivo da paridade participativa possui dimensões complexas – econômicas, culturais e políticas. A conferência como um todo, me pareceu, representou a evolução de várias dessas dimensões – movendo-se constantemente entre questões muito específicas e particulares relacionadas a determinados tipos de deficiência e temas mais amplos e emancipatórios que refletem os imperativos do movimento como um todo e as estruturas mais abrangentes das sociedades contemporâneas. Todos os movimentos sociais, para realizar seu potencial progressivo, movimentar-se-ão constantemente entre esses dois níveis, relacionando histórias individuais aos contextos mais amplos do período. Crucial é manter essas diferentes dimensões em contato entre si, e não (por exemplo) negligenciar a economia política ou o que Fraser chama de “políticas de redistribuição” na busca por uma voz política.

### **Pam Block: Biossociabilidade, Cidadania Biológica e Identidade Autista no Brasil**

Em 23 e 24 de Maio de 2011, Francisco Ortega e eu organizamos o “Primeiro Simpósio Internacional de Estudos sobre a Deficiência” da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Para a sessão plenária em São Paulo acabei por criar uma nova apresentação que serviu de continuação para a discussão autobiográfica introduzida no Rio em 2011. A apresentação ainda discutia biossociabilidade, cidadania biológica e identidade autista, mas focalizava a partir de um ponto de vista pessoal como minha irmã, minha mãe e eu convivemos com o autismo ao longo de quatro décadas de teorias profissionais e práticas a respeito do tema, como participamos de movimentos de defesa e ativismo sobre o autismo, e como os debates e divisões atuais entre profissionais, pais e ativistas autistas continuam moldando a experiência do autismo em nível local e internacional.

O resumo no programa é o seguinte: A identidade autista no Brasil e em outros lugares do mundo proporcionam um exemplo de biossociabilidade/cidadania biológica. Conceitualizações do autismo também tem sido moldadas por

diferenças históricas, políticas, sociais e culturais, tais como etnicidade, gênero, idade, status socioeconômico e origem nacional. Conceitos biomédicos deram forma ao conceito do autismo desde meados do século XX, mas o principal foco dessa apresentação foi o crescimento dos movimentos de defesa dos pais de autistas – iniciados nos anos 1980 – e movimentos de cidadania autista centrados na ideia de neurodiversidade e Orgulho Autista – iniciados no começo dos anos 2000.

Outro produto do Simpósio de 2011 apresentado em 2013 foi a apresentação que realizei em parceria com a Anahi Guedes de Mello e o Adriano Henrique Nuernberg: “Estudos sobre a Deficiência no Brasil: passado, presente e futuro” (2013a). Versões dessa apresentação também foram apresentadas como “*Disability Studies in Brazil: Past, Present and Future*” no Encontro de 2013 da Sociedade de Estudos sobre a Deficiência em Orlando, Flórida (2013b). Em São Paulo, discutimos como os estudos sobre a deficiência no Brasil emergiram como resultado de pesquisas individuais nos anos 1980 e 1990, por meio do trabalho de pesquisadores como Sueli Satow e Rosana Glat (que foi orientada pelo fundador da DSQ [*Disability Studies Quarterly*], Irving Zola). No início dos anos 2000, ele emergiu em pequenos núcleos de estudo sob a liderança de Débora Diniz, do Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero da Universidade de Brasília, e Francisco Ortega, do Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Na década atual, os Estudos sobre a Deficiência alcançaram um novo e convergente estágio após a realização tanto do pequeno simpósio no Rio de Janeiro em 2011 quanto do grande simpósio organizado em 2013 em São Paulo

### **Michael Rembis: A Cidade como um Local de Contestação: os Direitos das Pessoas com Deficiência e a Mídia nos EUA**

Tendo criado seu próprio MEMORIAL DA INCLUSÃO (<http://www.memorialdainclusao.sp.gov.br>) ou “INCLUSION MEMORIAL” em São Paulo, os organizadores da conferência estavam interessados em conhecer melhor o “*Museum of DisABILITY History*” [Museu de História da Deficiência], localizado em Buffalo, Nova York (<http://museumofdisability.org>). Além de ser Professor Assistente do Departamento de História da Universidade de Buffalo (UB), e Diretor do Centro para Estudos sobre a Deficiência da UB, sou consultor do “*Museum of DisABILITY History*”. Os organizadores da conferência me pediram especificamente para utilizar o conteúdo do museu para explorar a cidade como um local de contestação por direitos, especialmente nos Estados Unidos ao longo dos últimos 100 anos. Utilizando exposições tanto físicas quanto virtuais, e outros materiais disponíveis no Museu, focalizei o papel da mídia não só nos protestos das pessoas com deficiência, mas também na percepção pública dos ativistas com deficiência. Ainda que um trabalho considerável e importante já tenha sido feito, argumento que a mídia

na maioria das vezes ainda não foi objeto de estudos o suficiente, nem foi o foco de teorias o bastante, pelos historiadores do movimento pelos direitos das pessoas com deficiência nos EUA e em outros lugares do mundo.

Além de pensar no papel da mídia e da memória, compartilhei com os participantes da conferência algumas informações básicas sobre o museu, sua história, seu conteúdo e seus planos para o futuro. Um dos principais destaques da conferência para mim foi o *tour* pelo MEMORIAL DA INCLUSÃO, um impressionante e interativo conjunto de exposições localizado em um moderno edifício no coração da cidade de São Paulo. Financiado pelo Estado, esse museu é impressionante tanto na profundidade quanto na amplitude de seu conteúdo, que explora principalmente o moderno movimento internacional pelos direitos das pessoas com deficiência e as conquistas sociais e culturais das pessoas com deficiência em São Paulo, no Brasil e no mundo.

Antes de deixarmos a cidade, os organizadores gentilmente nos conduziram por uma visita ao museu. Esse museu grande e circular conta com vídeos, objetos, testemunhos e histórias das pessoas com deficiência, várias das quais estiveram presentes durante a conferência. Todos nós ficamos impressionados com esse museu, especialmente pelas bem documentadas histórias dos ativistas que deram forma ao movimento, em tempos politicamente instáveis durante e logo após o fim do último regime militar brasileiro, para estabelecer os direitos das pessoas com deficiência no Brasil. Contudo, o museu oferece muito mais do que apenas a história dos direitos das pessoas com deficiência no Brasil. Exposições culturais interativas e interessantes enriquecem a experiência de visitá-lo. O museu oferece um *tour* virtual em Português, Inglês e Espanhol e pode ser acessado através do portal <http://www.memorialdainclusao.sp.gov.br>

Mais informações sobre o movimento pelos direitos das pessoas com deficiência no Brasil podem ser encontradas em um livro e DVD de 2010, disponível online em: <http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/publicacoes/historia-do-movimento-politico-das-pessoas-com-deficiencia-no-brasil>

### **Nick Watson: Estudos sobre a Deficiência no Brasil: Reflexões sobre o Simpósio Internacional e Perspectivas para o Futuro.**

A clara e mais importante mensagem desse simpósio é que o campo dos estudos sobre a deficiência no Brasil é vibrante, forte e poderoso. Pesquisadores e outros profissionais da área estão desafiando as abordagens biomédicas ao estudo da deficiência e buscando superar as tradicionais abordagens baseadas no suposto déficit das pessoas com deficiência para resolver os seus problemas e auxiliando na emancipação das pessoas com deficiência. Um aspecto importante para esse desenvolvimento tem sido as

fortes relações forjadas entre ativistas e acadêmicos. No Brasil, a comunidade de indivíduos dedicados aos estudos sobre a deficiência é composta não só por acadêmicos, mas também por ativistas, assim como aqueles que prestam serviços às pessoas com deficiência e criadores de políticas, e todos trabalham juntos tentando desenvolver abordagens novas e inclusivas e caminhos compartilhados para enfrentar o desafio do “*disablism*”. No discurso de abertura, fomos lembrados da importância de assegurarmos que os acadêmicos devem trabalhar junto com as pessoas com deficiência e suas organizações, de aprendermos uns com os outros e de que as perspectivas das pessoas com deficiência devem ser privilegiadas ao se estabelecer os temas da agenda de pesquisa. Vídeos do movimento das pessoas com deficiência foram projetados e um discurso de uma das fundadoras do movimento brasileiro das pessoas com deficiência não nos deixou dúvidas sobre onde o movimento surgiu e sobre como as ideias que o sustentam emergiram.

Há tensões claras entre esses grupos e mesmo dentro de cada um deles, como se tornou aparente em diversos momentos ao longo do simpósio, com destaque para o acalorado debate realizado no final do simpósio sobre o futuro dos Estudos sobre a Deficiência no Brasil. Muito desse debate esteve focado no que é e no que não é estudos sobre a deficiência, além de discussões sobre como a deficiência deveria ser teorizada, o que é um debate familiar para muitos de nós. Essas diferenças devem ser esperadas e talvez precisem ser encorajadas; uma disciplina saudável é aquela que está aberta ao debate e em que se pode desafiar os paradigmas existentes sem medo. Não há, no entanto, um único caminho para representar a deficiência ou um único caminho para abordá-la que melhor capturem as vidas das pessoas com deficiência, pois a deficiência é complexa e multidimensional e, assim, requer uma pluralidade de abordagens.

Os trabalhos apresentados pelos acadêmicos brasileiros no simpósio cobriram uma ampla variedade de assuntos, de uma genealogia histórica da loucura no Brasil à representação da surdez, à experiência da cegueira e da convivência com os efeitos da hanseníase, à violência contra pessoas com deficiência, à heterogeneidade da experiência da deficiência e ao “*ableism*”, assim como discussões sobre educação, políticas públicas e novos movimentos sociais. As pessoas recorreram a ideias retiradas de uma grande variedade de disciplinas, abordagens e teorias e a profundidade da análise e a força dos trabalhos apresentados era impressionante. Ainda que os participantes tenham recorrido a uma série de diferentes teóricos, a maioria dos trabalhos buscava ideias que podem ser encontradas dentro do escopo do que se pode chamar de Estudos Críticos sobre a Deficiência (CDS, na sigla em inglês). Abordagens culturais ao estudo da deficiência predominaram e muitos dos trabalhos tentaram desconstruir ideias sobre a deficiência e explorar os discursos que cercam o tema. **O que faltou foi uma abordagem mais materialista da deficiência, uma**



que examine as estruturas materiais que servem para excluir as pessoas com deficiência e para negar-lhes o acesso aos seus direitos. A relação entre a deficiência e a pobreza foi pouco explorada, assim como qualquer discussão sobre assistência social ou estratégias para alcançar a vida independente, ausências que se tornaram ainda mais surpreendentes considerando o fato de que durante todas as noites do simpósio dezenas de milhares de pessoas caminhavam pelas imediações da conferência exigindo o fim da pobreza e, entre outros aspectos, melhor acesso aos serviços de saúde.

Muito do debate ocorrido no simpósio na área da educação especial teve como impacto a “rotulação” dos jovens com deficiência e como isso afeta suas identidades. Porém, em um país em que, segundo nos informaram, apenas 1% das crianças são “rotuladas” e que grandes números de crianças abandonam a escola pois não tem acesso a óculos para a leitura (WHO 2010), talvez uma ênfase maior pudesse ser dada à prestação de melhores serviços para as crianças com deficiência. Pode-se discutir que para muitas dessas crianças a “rotulação” não é o problema, mas sim a ausência dela, uma vez que sem essa identificação é difícil mensurar a demanda por serviços apropriados ou o acesso das crianças a eles.

Não estamos tentando criticar o excelente trabalho que ouvimos ou a qualidade das pesquisas, estamos tentando engajar-nos em um diálogo construtivo com nossos colegas brasileiros para trabalharmos juntos para auxiliar a criação de uma maneira nova e vibrante de mover os estudos sobre a deficiência adiante.

### **Conclusão: Promessa e Possibilidades**

Após três dias longos e produtivos de apresentações de trabalhos, palestras e discussões públicas, a conferência chegou ao fim. Durante o último dia, havia um sentimento de satisfação, uma vez que muitas pessoas haviam vindo de diversas partes do Brasil para encontrar-se e tratar de questões com as quais elas tanto se importam. Ademais, houve alguns desentendimentos saudáveis e enérgicos sobre o estado dos estudos sobre a deficiência no Brasil, os tipos de formatos que podem ser melhores para o desenvolvimento dessa nova área de estudo, e a necessidade de enfatizar o(s) modelo(s) social(is) da deficiência e desafiar a autoridade dos tradicionais modelos médico, educacional e baseado na reabilitação, especialmente em instituições responsáveis por produzir conhecimento sobre a deficiência. Ainda que essa tenha sido a primeira conferência de estudos sobre a deficiência organizada pelo Estado de São Paulo, os ativistas se referiam a conferências organizadas em contextos acadêmicos, tais como a do Rio de Janeiro, em 2011, e a seção de estudos sobre a deficiência organizada no âmbito da Associação Brasileira de Antropologia. Assim como nos EUA e no Reino Unido, considerando os movimentos relacionados à deficiência e sua relação com os estudos sobre a deficiência, nos impressionou como o Brasil está vivenciando os mecanismos

de dissuasão e incentivo de necessidades e ideologias concorrentes que estão no coração de uma democracia saudável.

Conforme mencionado anteriormente, esse encontro histórico coincidiu com o início de um movimento nacional de protestos que se iniciou em São Paulo. Muitos de nós vimos e ouvimos os protestos durante nossa chegada e nas noites seguintes, observando evidências tanto do confronto aberto quanto da pacífica cooperação com a polícia. **Alguns dos membros da organização da conferência participaram dos protestos após o trabalho.** No fim da conferência, os protestos haviam se expandido da área central da cidade até o aeroporto internacional de São Paulo. Palestrantes convidadas como a Pamela Block e Livia Oliveira passaram mais de cinco horas paradas no trânsito. Elas finalmente deixaram para trás o veículo em que estavam e atravessaram a fumaça e o gás lacrimogêneo que se dissipava, grupos de manifestantes voltando para casa, policiais militares e membros das Forças Armadas para chegar ao aeroporto. É importante registrar que, logo depois, o movimento pelos direitos das pessoas com deficiência no Brasil organizou protestos coordenados com as manifestações gerais, mas orientados a questões de acessibilidade para as pessoas com deficiência ("Manifestação: cidade acessível é para todos! 07 de Julho, 2013").

Tão fascinados como estávamos acerca dos eventos sem precedentes acontecendo do lado de fora do centro de convenções em São Paulo, fomos igualmente cativados pelas discussões históricas que aconteciam do lado de dentro das salas de reuniões. Nós, cinco participantes internacionais, que tivemos a honra e o privilégio de participar e apresentar nossas palestras, testemunhamos em primeira mão o crescente interesse nos estudos sobre a deficiência no Brasil. **Após um início com pesquisas isoladas produzidas por pesquisadores individuais desde os anos 1980 até os anos 2000, os estudos sobre a deficiência no Brasil estão sendo estimulados com o auxílio do Simpósio de 2013 e outros encontros similares. Em resumo, os estudos sobre a deficiência no Brasil floresceram na forma de uma convergência de ativistas, acadêmicos, artistas e criadores de políticas. Em tempo, uma segunda conferência foi planejada para Agosto de 2014 pelo mesmo órgão em São Paulo.**

Esperamos que tenhamos contribuído de alguma maneira para esse crescimento, e observamos que as lutas dos ativistas e acadêmicos no Brasil para repensar e recriar a deficiência como uma forma da diversidade humana – e não uma aberração – são ambas similares às que travamos em nossos próprios países, mas também são únicas ao contexto brasileiro. De uma maneira importante, vivenciamos os estudos sobre a deficiência como um fenômeno internacional que continua a se expandir e florescer. Assim como o Brasil nos convidou a compartilhar nossos trabalhos no campos dos estudos sobre a deficiência, nós encorajamos os leitores da *“Disability Studies*

*Quarterly* a explorar o excitante trabalho dos ativistas, acadêmicos e criadores de políticas brasileiros.

## Referências

Calder, G. (2011) Disability and misrecognition. In The politics of misrecognition. (Eds. Thompson, S., Yar, M.). Farnham and Burlington, VT: Ashgate.

Connor, D. J. (in press). The Disability Studies in Education Annual Conference: Explorations of working within, and against, Special Education. *Disability Studies Quarterly*.

Fraser, N. (2008) *Adding insult to injury*, ed. Olson, K. New York: Verso.

Glat, Rosana. *Somos Iguais a vocês: depoimentos de mulheres com deficiência Mental*. Rio de Janeiro: AGIR, 1989.

História do Movimento Político das Pessoas com Deficiência no Brasil (2010). Acessada em 15 de Junho de 2012 <<http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/publicacoes/historia-do-movimento-politico-das-pessoas-com-deficiencia-no-brasil>>

"Manifestação: cidade acessível é para todos! 7 de Julho de 2013" (2013). Acessada em 22 de Agosto de 2013. <<https://www.facebook.com/events/1377483705803486/>>

Mello, A. G., Neurnberg, A. H., Block, P. (in press). Não é o corpo que nos *discapacita*, mas sim a sociedade: os estudos sobre deficiência no Brasil. IN Interdisciplinaridade, Pesquisa e Práticas Sociais (eds. Fatima Cavalcante and Edina Schimanski).

Mello, A. G., Nuernberg, A.H., & Block, P. (2013a) Estudos sobre Deficiêia no Brasil: pasado, presente e future." 2013 Annual International Disability Studies Symposium, São Paulo, Brazil, June 20, 2013.

Mello, A. G., Nuernberg, A.H., & Block, P. (2013b) "Brazilian disability studies: Past, present, future." Society for Disability Studies Meetings, Orlando, Florida, June 28, 2013.

WHO (2010) *World report on disability*. Geneva, World Health Organisation.

## Nota dos Autores

Gostaríamos de agradecer à Dra. Linamara Rizzo Battistella, Secretária de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência de São Paulo; à Ana Lúcia Segamarchi, Assessora de Relações Internacionais da Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência de São Paulo; e, a todos os membro

da equipe de organização que estenderam sua hospitalidade a nós durante nossa estadia.

### **Nota**

1. Somente para registrar o óbvio, muitas coisas se perdem durante a tradução. Como “ocidentais” e acadêmicos da área dos estudos sobre a deficiência, percebemos que o termo “*disability*” quando traduzido como “deficiência”, em Português, pode soar estranho aos nossos ouvidos. No entanto, respeitamos os diferentes contextos culturais que não possuem o mesmo significado.